

Entrevista a Gilberto Vieira, pioneiro do Turismo em Espaço Rural e de Natureza

“O turismo é como uma planta que, para estar viçosa, tem de ser cuidada todos os dias”

O Presidente da Associação de Turismo em Espaço Rural Casas Açorianas, Gilberto Vieira disse ao “Correio dos Açores”, que “o ano pode considerar-se bom, e se o ano turístico é positivo para os Açores, é seguro que também é um bom ano para as unidades de alojamento que integram a Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural”. No entanto, também alerta, que não significa de todo, que o turismo nos Açores está no bom caminho, até porque “o turismo é como uma planta que, para estar viçosa, tem de ser cuidada todos os dias”.

Estamos em Novembro e o ano está a terminar. Que balanço turístico já se pode fazer, quer em termos dos Açores, quer em relação às Casas Açorianas?

“O turismo para os Açores, no global, cresceu entre Janeiro e Setembro 5,4% em dormidas em relação ao mesmo período de 2024, tendo atingido um acumulado de 3,8 milhões, e em relação aos hóspedes atingimos os 1,1 milhões, valor superior em 4,5% relativamente ao período homólogo.

Estes são dados oficiais, fornecidos pelo Serviço Regional de Estatísticas dos Açores, mas ainda faltam os números do último trimestre que só vamos conhecer depois do ano acabar. No entanto, a ver pelos anos anteriores, não deverão existir grandes alterações, até porque estes meses são também aqueles em que a sazonalidade se faz sentir mais na nossa região, com menos turistas e, consequentemente, menos dormidas.

Não posso, no entanto, esconder que estamos preocupados com o mercado nacional que tem vindo a acumular quebras, sendo já seis os meses em que as dormidas deste mercado, que tão importante é para a região, registam face ao ano passado.

Ainda assim, tendo em conta os números da SREA que citei, o ano pode considerar-se bom, e se o ano turístico é positivo para os Açores, é seguro que também é um bom ano para as unidades de alojamento que integram a Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural. Assim, podemos considerar, com uma certa segurança, que o ano de 2025, apesar de ainda faltarem os números finais, foi um bom ano – um ano em que crescemos no número de hóspedes, no número de noites dormidas nas nossas unidades de alojamento e tivemos também um ligeiro crescimento do preço médio por quarto ocupado.

Gostaria de salientar, e faço-o com muito agrado, que em alguns meses do ano, a tipologia de alojamento representada pelas Casas Açorianas, foi a que mais cresceu em termos percentuais, fruto de todo um trabalho de promoção que temos realizado e, claro, da qualidade da oferta que os nossos associados apresentam nas suas unidades”.

Da sua resposta pode aferir-se que o turismo nos Açores está no bom caminho?

“Não exactamente, porque o turismo é como uma planta que, para estar viçosa, tem de ser cuidada todos os dias. Com a área económica do turismo acontece a mesma coisa, temos de cuidar,



acarinhar e fazer evoluir todos os dias porque a concorrência é “feroz”, todos os países e regiões começaram a olhar para o turismo como uma importante fonte de receita para as suas economias, e também de criação de emprego.

Nós, nos Açores, ainda não encaramos este setor como um verdadeiro motor de desenvolvimento do arquipélago. Por isso, toma-se forçoso que olhemos todos para o turismo como uma obra que estará sempre inacabada e por isso temos que cuidar dela todos os dias, para que esteja sempre a progredir e a crescer.

Apesar do crescimento, temos problemas e cometemos erros muitas vezes desnecessários, e posso dar-lhe alguns exemplos daquilo que são os maiores constrangimentos por que passa o turismo na região. Temos alguns picos de procura no

verão, mas sofremos de uma grande sazonalidade e esta situação entronca com a promoção do destino Açores. Temos um grave problema de acessibilidades, quer ao arquipélago quer no transporte entre as ilhas, situação identificada há anos e que ninguém resolve. Temos falta de pessoas qualificadas para trabalhar em quase todos os subsectores do turismo, mas em especial na hotelaria. Além disso, os apoios e incentivos aos empresários do setor nem sempre são os corretos e as mais das vezes são insuficientes, e por aí fora...

É por isso que digo que não podemos dizer que o turismo nos Açores está no bom caminho, o crescimento que temos tido ano após ano pode, de um dia para outro, deixar de acontecer porque não cuidamos, porque identificamos os problemas e constrangimentos, mas ainda não

os resolvemos”.

Vamos então por partes. Os Açores crescem em termos do número de turistas, mas mesmo assim considera que a promoção que se faz não é a mais correta, ou é pouca?

“Diria que os dois casos. Como já referi antes, a sazonalidade turística com que os empresários açorianos do setor do turismo se debatem é um problema grave, uma situação que acarreta desequilíbrios na gestão e na rentabilidade das unidades, comprometendo a fixação de profissionais qualificados por falta de trabalho durante o ano inteiro.

Por isso penso que a Visit Azores deveria ouvir os empresários para saber das suas reais necessidades e, a partir daí, poderem ser criados vários programas específicos, que poderiam até ser apoiados financeiramente, direcionados a alguns mercados emissores que com maior facilidade possam enviar turistas nestas épocas de mais baixa ocupação.

Posso mesmo adiantar uma ideia: tendo em conta a queda do mercado nacional a que temos assistido, e a que já fiz referência, porque não, lançar-se uma campanha durante estes períodos de fraca ocupação junto do mercado nacional, destinada, por exemplo, ao turismo sénior, e que envolvesse todos os players do mercado (o alojamento, as agências de viagens e as companhias aéreas), para que se criassem pacotes de 3 ou 4 noites, ou mesmo de uma semana? Esta iniciativa exigiria, por certo, algum investimento promocional por parte da Visit Azores, e por ventura até algum apoio financeiro. Uma campanha deste tipo também poderia ser montada para o mercado interno dos Açores, para que os nossos conterrâneos pudessem visitar as ilhas onde muitos nunca foram.

Uma das críticas que faço é que a promoção turística de um destino deve ser planeada e organizada a médio prazo, não deve ser casuística, para que do dinheiro investido se consigam extrair os maiores proveitos possíveis, quer em número de turistas quer, principalmente, ao nível das receitas geradas para o nosso arquipélago.

Nós, nas Casas Açorianas, temos bem a noção de que as verbas para investir não são infinitas, antes pelo contrário, e é por isso que para a promoção turística cada centímo aplicado deverá ter um retorno que se avalia não apenas pelo número, mas acima de tudo pela qualidade dos turistas que nos visitam”.

Gilberto Vieira avança com um conjunto de ideias para o futuro do turismo nos Açores

“As ligações marítimas entre as ilhas é também um assunto com décadas”

Gilberto Vieira abordou ainda outros temas, entre eles, “as verbas com que o Governo Regional está a dotar as entidades que fazem promoção tem vindo a diminuir”.

Sobre as ligações marítimas entre as ilhas, ressalva, que “as Casas Açorianas defendem que, por sermos um território descontinuado, faz todo o sentido utilizar todos os meios que possibilitem a mobilidade entre as diferentes ilhas do arquipélago, por isso vemos o transporte marítimo como muito importante”.



Afirmou que o dinheiro não é infinito, mas na óptica da Associação, as dotações do Governo para as diferentes entidades que fazem promoção, nomeadamente a VisitAçores, é suficiente?

“Esse é outro ponto, e é importante. As verbas com que o Governo Regional está a dotar as entidades que fazem promoção tem vindo a diminuir, e na nossa visão isso é um erro, e até uma contradição, posso até dar um exemplo que sustenta esta opinião das Casas Açorianas. O número de camas aprovado pelos organismos competentes no Governo não para de crescer praticamente em todas as ilhas do arquipélago. Ora, se a nossa oferta cresce, o número de turistas de que precisamos terá de crescer também, sob pena de as ocupações baixarem e as empresas começarem a ter problemas de gestão.

Claramente, precisamos de mais promoção, precisamos de procurar novos mercados emissores, precisamos de continuar a apostar forte no mercado nacional, precisamos de campanhas específicas para a época baixa, temos muito trabalho a fazer, e para isso o Governo não pode reduzir o dinheiro a investir na promoção”.

Numa resposta anterior, também mostrou a sua preocupação relativamente às acessibilidades, e tem havido muito debate sobre esse tema. Na sua opinião, quais são os reais problemas que o setor turístico sente?

“Os Açores são um território geograficamente descontinuado, pelo que falar da necessidade de termos mais e melhores acessibilidades, tanto para os residentes como para os turistas que pretendem deslocar-se entre as várias ilhas do arquipélago, ou da falta de acessibilidades de ligações aéreas para os Açores, é um tema recorrente, e que tem gerado debates e palestras desde há dezenas de anos. Mas o certo é que, apesar de muito debatidos, os problemas se mantêm sem que os responsáveis a quem cabe resolver as situações tenham um programa estruturado e coerente, que se possa aplicar e não apenas uma execução de situações apenas casuísticas.

Começava pelas acessibilidades inter ilhas: na visão das Casas Açorianas é importante assumir-se que o Arquipélago precisa de reforçar os dois hubs onde chega a maioria dos voos internacionais e do continente, e a partir deles criar voos internos de distribuição dos passa-

geiros, sem que estes tenham de esperar por ligações para o destino durante largas horas e muitas vezes nem conseguido chegar ao destino no mesmo dia.

Nenhum turista gosta de sair da sua cidade para apanhar um avião que leva três, quatro, ou cinco horas a chegar aos Açores, e depois, para fazer um voo de 20, 30 ou 40 minutos que o levará à ilha que é o seu destino final, ficar horas a fio à espera num aeroporto limitado como são os nossos - este é um claro constrangimento que ninguém resolve.

Outro dos problemas que temos para poderemos crescer em termos turísticos reside na falta de rotas. Temos sido incapazes de convencer as companhias aéreas regulares a voarem para os Açores, e o mais grave é que quando conseguimos convencer alguma dessas companhias, elas recebem os incentivos e acabam por desistir de fazer as ligações por falta de passageiros.

Algumas destas companhias argumentam que a falta de passageiros se fica a dever à praticamente inexistência de promoção do destino, uma situação que pode ter várias leituras, mas a mais óbvia é a da falta de coordenação entre aqueles a quem compete fazer a promoção dos Açores e a quem coube garantir a vinda dessa companhia aérea. Ou seja, não existiu um trabalho de estudo de mercado para se saber se valia ou não a pena o investimento, como também não houve um trabalho de promoção antecipado.

É verdade que o Governo Regional aprovou em setembro a criação de um Programa de Incentivos à Captação de Novas Rotas Aéreas na Aerogare Civil das Lajes, e ainda é cedo para ver resultados. Mas no global, as rotas que vão conquistando para a região são sazonais e praticamente só operam durante os meses de verão, não contribuindo para esbater a sazonalidade”.

A resposta já vai longa, mas nunca referiu a SATA Internacional...

“É verdade, e esse será um bom exemplo do que tenho estado a dizer: há muitos anos que não temos uma política clara para o transporte aéreo. Ao longo destes anos, cometemos erros que custaram muito caro às finanças do arquipélago, erros que conduziram a empresa a prejuízos atrás de prejuízos, e à posição da União Europeia que exigiu a privatização da SATA Internacional, ou Azores Airlines.

Aqui chegados, e quando se pensava que rapidamente teríamos uma solução que conduzisse a companhia a bom porto, o processo de privatização tem vindo a arrastar-se por demasiado tempo, e os graves prejuízos dos dois últimos anos, continuam a fazer mossa na região.

Os Açores precisam de uma SATA Internacional que sirva os açorianos, mas também o turismo da Região, uma companhia aérea (parcialmente) privatizada em que a dívida acumulada fica a cargo das finanças regionais, e por isso parte praticamente do zero, só pode, a nosso ver, melhorar. Se tiver uma nova estratégia que passe por novo equipamento, novas e mais rotas e torne a empresa mais enxuta, com um bom serviço aos passageiros, talvez se acabe com este martírio de anos”.

E como olha para o transporte marítimo entre as ilhas?

“Nos Açores nós arrastamos sempre a resolução dos problemas e este das ligações marítimas entre as ilhas é também um assunto com décadas. As Casas Açorianas defendem que, por sermos um território descontinuado, faz todo o sentido utilizar todos os meios que possibilitem a mobilidade entre as diferentes ilhas do arquipélago, por isso vemos o transporte marítimo como muito importante.

Sei que é uma área complexa porque temos o mar que temos e temos períodos em que é difícil garantir este meio de transporte, mas também sei que ele pode melhorar muito nas épocas em que pode com regularidade garantir o transporte de cidadãos e turistas num período que vai da primavera a parte do outono, diria que pelo menos seis meses, e esse período coincide com a época alta do turismo e também com aquele em que a SATA tem mais dificuldade em responder à procura.

É importante que este meio de transporte ganhe “novo fôlego”, que exista uma melhor coordenação entre o transporte marítimo e o aéreo, para que o passageiro possa entre as ilhas optar pelo barco e chegar a tempo de apanhar o seu voo, seja interno ou internacional.

Para que o transporte marítimo entre as ilhas faça sentido para o turismo, é necessário que as rotas, épocas do ano e horários sejam definidos com antecedência, o ideal mesmo é serem definidos de um ano para o outro, para que este transporte possibilite que os operadores turísticos, as agências de viagens e os turistas, elaborem programas e viagens sem margem para erros”.

Marco Sousa

No próximo fim-de-semana iremos publicar a segunda parte da entrevista ao Presidente das Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural, Gilberto Vieira, em que abordaremos temas como a sustentabilidade, a genuinidade açoriana e o relacionamento desta entidade associativa com os diferentes departamentos da tutela regional.